

A Nova Amazônia dos Romances *Relato de um Certo Oriente e Dois Irmãos*, de Milton Hatoum

Prof. Noemi Henriqueta Brandão de PERDIGÃOⁱ (UTFPR)

Resumo:

Os dois romances iniciais de Milton Hatoum se passam em uma Manaus urbana que, porém, se configura também como espaço do exótico. Exótico que traz marcas do Norte do Brasil, mas também da cultura árabe, presença constante nos três romances. Assim esta Comunicação se norteará por duas reflexões principais: quais as influências da cultura árabe na forma de narrar destes romances e na cultura manauara a partir do início do sec. XX. E, no âmbito da literatura e outros discursos, quais as formas e a partir de quais recursos os três romances citados contribuem ou não para o conhecimento sobre uma Amazônia além da marca do exótico da natureza e do indígena.

Palavras-chave: Literatura brasileira; ficção contemporânea; Milton Hatoum

1 Introdução

Por que “Nova Amazônia” no título desta comunicação? Porque se trata, no caso dos dois primeiros romances de Milton Hatoum, objeto desta reflexão, mas também em *Cinzas do Norte*, *Órfãos do Eldorado* e na maioria dos contos de *Cidade Sitiada*, de uma Amazônia que mescla o ‘natural’ ao urbano. Manaus é apresentada como uma cidade que também é floresta, e comporta até bairros anfíbios:

a floresta escurecia às nossas costas, e o clarão da cidade aumentava enquanto navegávamos na noite úmida. (...) Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. (HATOUM, 2000. p. 116;120)

Esta Manaus, presente nos dois primeiros romances de Milton Hatoum, é plural. A cidade dos imigrantes – libaneses, portugueses, franceses, alemães –, dos indígenas, dos brasileiros de diferentes origens. *A que se separa da floresta pelas águas fluviais e se situa num estado que faz divisa com três outros países*, e que também constitui a terra natal do autor, Milton Hatoum. (BIRMAN, 2007. p.22).

Ao mesmo tempo, é uma cidade que ocupa um entre-espaço Manaus/Oriente, que se faz sentir nos relatos dos diferentes narradores e vozes narrativas destes dois primeiros romances: *As falas dos personagens que se revezam fazem ecoar outros relatos, fortemente ancorados na tradição oral dos narradores orientais*. (CURY, 2000. p.171) e na ocupação que a comunidade árabe faz do espaço urbano:

os levantinos da cidade eram numerosos e quase todos habitavam no mesmo bairro, próximo ao porto. A beira de um rio ou a orla marítima os aproximam, e em qualquer lugar do mundo as águas que eles vêm ou pisam são também as águas do Mediterrâneo (HATOUM, 1989. p. 76)

2 Uma Manaus Diferente

A Manaus apresentada nos dois romances não tem maquiagem, e também encontra-se despida do

exotismo clichê das literaturas do norte-nordeste, que ressaltavam aspectos da natureza e do índio. A cidade de Hatoum é

tristemente semelhante a qualquer região periférica e pobre do planeta (...) [exibindo] a degradação dolorosa de sua população nativa. Os homens, confundidos ao lixo urbano; a cidade, transformada no corpo em chaga dos seus habitantes. (CURY, 2000. p.171).

O próprio Milton Hatoum afirmará:

Uma das minhas preocupações foi de evitar a descrição da natureza; e também recusar o romance de aventuras. [...] Tentei evitar não apenas o exotismo, como também o regionalismo, que, muitas vezes, pode tornar-se uma camisa de força. (TOLEDO, 2006. p. 27)

Além disso, a cidade de Hatoum é provinciana, ainda está confinada. Apesar de ser um porto, Manaus permanece à margem de tudo, pois a ponte que construíra para o mundo era uma ponte frágil, *Uma ponte de uma só margem, pois a cidade, muito isolada, autófaga, só olhava pra si mesma.* (TOLEDO, 2006. p. 27)

Porém, mesmo ressaltando essa autofagia e limitação, Hatoum é um apaixonado pela sua cidade. Mesmo tendo saído de Manaus logo cedo para cursar o ensino médio em Brasília, o autor sempre esteve muito ligado ao Norte enquanto espaço no continente brasileiro.

Além de ambientar a quase totalidade de sua obra (romances e contos) na Amazônia, em 2006, junto com Benedito Nunes, outro célebre "nortista" do âmbito da literatura, havia publicado Crônica de duas cidades: Belém e Manaus¹. E, em 2009, com Samuel Titan Jr. organizou e apresentou o livro do fotógrafo Marcel Gautherot, Norte².

Ambas as obras falam de uma Manaus histórica e afetiva. Norte apresenta uma cidade das décadas de 1940 - 1950, com seus espaços e habitantes, ao lado dos igapós, onde a floresta começa a mostrar seu rosto. Crônica de duas cidades, na parte composta por Hatoum, fala de uma Manaus, cuja "cara" foi mudada a partir da implantação da zona franca, em 1967. De 250 mil habitantes em 1967, Manaus passou de 2 milhões de habitantes segundo o último censo do IBGE (2010), com todos os problemas sociais e ambientais que um crescimento urbano nesta proporção implica. *Como ser moderno e civilizado dentro das condições geradas pelo escravismo?* (NUNES, 2006. p. 70), o autor pergunta fazendo coro com Roberto Schwarz.

De todo modo, nos dois primeiros romances de Hatoum, Manaus constitui o *locus* privilegiado da narrativa, não só pelas referências espaciais propriamente ditas, mas também por algumas referências linguísticas, botânicas e culinárias: uso de expressões e termos regionais (banzeiro – cambaleante), referência a plantas da Amazônia (sorveira, pau-mulato, mururé), a pratos e frutas do Norte do Brasil. Importa ressaltar, igualmente, o olhar incomum que os narradores e personagens das duas obras têm com relação à cidade:

Aos domingos, quando Zana me pedia para comprar miúdos de boi no porto da Catraia, eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, [...] Via um outro

1 NUNES, Benedito. Crônica de duas cidades: Belém-Manaus / Benedito Nunes, Milton Hatoum. Belém: SECULT, 2006.

2 GAUTHEROT, Marcel. Norte / Marcel Gautherot; organização e apresentação de Milton Hatoum e Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.

mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou não queremos ver. (HATOUM, 2000. p.80).

Aqui já entrevemos que, ao lado dos dramas humanos e familiares, *leit motiv* destes primeiros romances, existe um desnudamento da Manaus das palafitas, do comércio miúdo, de *Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver* (HATOUM, 2000. p.80-1).

A narradora de *Relato de um Certo Oriente* inicia a narrativa apresentando Manaus como o *espaço da nossa infância: cidade imaginária, fundada numa manhã de 1954...*, confirmando a importância que a cidade adquirirá em seu relato. Em *Dois Irmãos* esta importância se repetirá:

no caminho do aeroporto para casa, Yakub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha. (HATOUM, 2000. p.16)

Igualmente, sobretudo em *Dois Irmãos*, mas também no *Relato...* existem referências a locais da cidade de Manaus, como a Cidade Flutuante, o igarapé dos Educandos, as imediações do Mercado Municipal e do porto, onde trabalhava ou vivia a população para quem Halim vendia seus produtos e com a qual dividia seus bons e maus momentos.

Ao lado destas referências, outras, mais minuciosas, também vão criando aos olhos do leitor a Manaus que o narrador nos quer fazer ver:

Zana (...) levava-o [Omar] para toda parte: passeios de bonde até a praça da Matriz, os bulevares, o Seringal Mirim, as chácaras da Vila Municipal (...) Domingas (...) levava [Yakub] para outros lugares: praias formadas pela vazante, onde entravam nos barcos encalhados, abandonados na beira de um barranco. Passeavam também pela cidade, indo de praça em praça até chegar à ilha de São Vicente, onde Yakub contemplava o Forte, trepava nos canhões, (...) (HATOUM, 2000. p.68)

Há referência a avenidas, clubes, praças, figurando cada vez mais para o leitor a Manaus extratextual.

3 Um Certo Oriente

Ao lado desta presença forte de uma Manaus não pitoresca, existe igualmente outra marca em seus romances, sobretudo os dois primeiros: a cultura árabe. Cultura que está presente nos nomes dos personagens, em palavras/expressões, na culinária, e que, sobretudo, paira sobre as obras através dos ecos dos diferentes relatos orais *à la* Sherazade.

É interessante observar que Hatoum fala de diversas nações, diversas tribos que habitam a Amazônia, entre as quais identifica a dos orientais, *dos imigrantes que chegaram no início do século e que participaram da vida econômica da região*.³ Árabes oriundos do Líbano, da Síria e de outros países. Além disso, Hatoum deixa claro, nesta mesma entrevista, que sua *intenção, do ponto de vista da escritura, é ligar a história pessoal à história familiar [...] Num certo momento de nossa vida, nossa história é também a história de nossa família e a de nosso país (com todas as*

3 HATOUM, Milton. Entrevista a Aida Hanania. [http:// WWW.hottopos.com/collat6/milton1.htm](http://WWW.hottopos.com/collat6/milton1.htm) . Acessada em 26/6/2006.

limitações e delimitações que essa história suscite), afirmando, ainda, que, no *Relato*, do ponto de vista estrutural, pensou muito na estrutura das *Mil e Uma Noites*.

Essa ‘estranheiridade’ é a deles, inerente à sua identidade, mas é também a nossa:

o estrangeiro estranhamente nos habita sendo a face oculta de nós mesmos, o espaço que nos arruína enquanto permanência, pois sua ‘diferença’ flagrante – manifesta até à flor da pele, na língua engrolada, nos hábitos tão outros – fala da diferença constitutiva de cada um de nós. (CURY, 2000. p.165)

Em outra entrevista à mesma Aida Hanania⁴, Milton Hatoum afirma que

o convívio com árabes do Oriente Médio e judeus do norte da África me permitiu assimilar um pouco de sua cultura e religião. [...] Além da religião, da língua e dos costumes, a cultura do Outro estava delineando-se por um outro caminho, talvez o mais fecundo para mim: o da narração oral.

Nos dois romances, temos um narrador “principal”, cuja voz se alterna à voz de outros personagens, com ou sem mudança de estilo. É uma polifonia narrativa especial, também de origem árabe:

A literatura árabe, ou de inspiração árabe, conhece um tipo especial de polifonia narrativa, em que o narrador de uma história, ao terminá-la, ou ao encaminhá-la para o clímax, passa a palavra a um de seus personagens, que se transforma em narrador do episódio seguinte – e assim sucessivamente. (TOLEDO, 2006. p.42)

Artifício valioso para possibilitar ao leitor o acesso a diferentes pontos de vista sobre a situação e personagens, abrindo diferentes portas e pluralizando a leitura.

Além desta aproximação através da figura do narrador, temos nos romances em tela uma outra marca da cultura oriental:

[...] a herança da nova escritura oriental daí advinda está presente no ‘Relato’: narrativa sinuosa; interpolação de acontecimentos, narradores e personagens; tempo fugidio e simultaneamente rememorado; nostalgia soturna e paradoxalmente prazerosa; várias retomadas de um mesmo fato, sobretudo se for trágico, como artifício retórico, a fim de passar ao leitor uma sensação de verdade. (TOLEDO, 2006. p.29)

Tanto em *Relato de um Certo Oriente* quanto em *Dois Irmãos* temos famílias libanesas ambientadas em Manaus, vivendo do comércio e convivendo com dualidades: diferenças religiosas entre o casal principal (mãe católica e pai muçulmano); patrões e empregadas tratadas quase como escravas; estrangeiros e nativos convivendo no cotidiano familiar.

Em ambas as narrativas, igualmente, temos casas que constituem micromundos quase fechados à realidade externa, onde se desenrolam os principais dramas familiares. Segundo Chevalier e Geerbrant, *a casa árabe também é quadrada, (...) é um universo fechado em quatro dimensões, cujo jardim central é uma evocação do Éden, aberto exclusivamente à influência celeste* (CURY, 2000. p.173). Em *Dois Irmãos*, especificamente, este jardim é palco de cenas essenciais: o primeiro

4 HATOUM, Milton. ‘Escrever à margem da história’. Entrevista concedida a Aida Ramezá Hanania em 5-11-1993. [HTTP://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm](http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm) . Acessada em 26/6/2006.

encontro sexual de Yakub e Livia, o ataque de loucura de Omar, a própria distância impressa entre a casa principal e a casinha dos fundos onde moravam Domingas e o narrador, Nael.

Este ‘certo oriente’ igualmente se faz presente, nas duas obras, no uso da língua árabe, no exercício da religião muçulmana pelos homens de ambas as famílias e em alguns hábitos alimentares. Uma das graves crises da casa de Emilie se deveu ao desrespeito de Hindié Conceição com relação à forma de se matar as aves, embriagando-as e torcendo-lhes o pescoço, *martírio que só pode ser obra de cristão*, segundo o marido de Emilie (HATOUM, 2000. p.36). A mesma disputa inter religiosa ocorreu outras vezes, com Emilie escondendo o livro sagrado e seu marido, os santos católicos. Vale ressaltar, porém, que o tom predominante em ambas as narrativas é o de respeito às diferenças religiosas e de convívio quase pacífico entre as diferenças, inclusive sem exigir que os filhos optassem obrigatoriamente por um ou outro credo. Porém, é através da oração com o corpo voltado para Meca que a filha consegue perceber a profundidade da fé paterna:

Eu mesma relutei em acreditar que um corpo em Manaus estivesse voltado para Meca, como se o espaço da crença fosse quase tão vasto quanto o Universo: um corpo se inclina diante de um templo, de um oráculo, de uma estátua ou de uma figura, e então todas as geografias desaparecem ou confluem para a pedra negra que repousa no íntimo de cada um. (HATOUM, 1989. p. 159)

Ao lado da referência a frutas e peixes amazônicos, a culinária e hábitos alimentares árabes são muito importantes em ambas as narrativas:

Emilie ajudava Anastácia Socorro a trazer os pães de massa folheada, dobrados como se fossem lenços de seda, e uma cesta com figos da Índia, genipapos, biribás, abacaxis e melancias; (...) No centro de um pátio iluminado pelo sol equatorial, homens e mulheres repetiam o hábito gastronômico milenar de comer com as mãos o fígado cru de carneiro. (...) Na entrega deliberada às carnes do animal, contrariando a assepsia do dia-a-dia, as mãos levavam à boca um pedaço de fígado fresco, e o pão circulava de mão em mão, despedaçado por dedos lambuzados de azeite e zatar. Havia quem cantasse a última canção da moda no Cairo, quem recitasse um poema místico ou uma fábula de Attar, (...) Elogiavam-se os temperos, os doces de semolina com nozes e mel, e a compota de pétalas de rosa, que todos aspiravam demoradamente antes de provar. (HATOUM, 1989. p. 57-8)

A longa citação se justifica pelo que ela testemunha de como a ambiência criada nesses momentos de trocas alimentares remetia a todos a um mundo bem distante da Manaus onde viviam, irmanando-os e os aproximando de sua identidade original.

Contudo, é no uso da língua árabe e da polifonia narrativa que a influência oriental se faz mais evidente:

(...) o espaço da ficção reflexiona sobre a prática da tradução. Além de uma passagem de uma língua para outra, coloca-se o impasse da tradução cultural que engloba o problema da representação da alteridade e da afirmação da identidade. (CURY, 2000. p. 174)

No *Relato*, Emilie ensina o árabe somente a Hakim, aproximando-o dela e do pai e fazendo dele o ‘escolhido’ entre os filhos, além de inseri-lo mais profundamente nas origens familiares:

Para comentar a aprendizagem da língua-mãe, me contou sucintamente como falecera Salma, minha bisavó, aos 105 anos de idade. (...) No sábado ao meio-dia, antes de sentar à mesa para almoçar, da minha boca jorraram as palavras que ele

acabara de falar, que sempre falava antes de cada refeição.(...) Ele me olhou e aquele olhar, que durou o tempo de um espasmo, fulgurava como o olhar de um recém-nascido ofuscado pelo impacto da primeira explosão de luz. (HATOUM, 1989. p. 50)

O aprendizado da língua árabe, inclusive, terá início com um desvendamento dos recantos da Parisiense, loja da família, fazendo com que este aprendizado ultrapassasse o âmbito lingüístico e alcançasse o cultural e da própria constituição de uma nova identidade por parte de Hakim, a identidade árabe.

Concluindo, podemos ressaltar a importância da cultura árabe, também presente na escolha dos nomes dos personagens e no uso de algumas palavras em árabe no decorrer das narrativas, como constituinte da poética de Milton Hatoum que, porém, consegue se manter livre de clichês ou estereótipos tanto do exótico quanto do estrangeiro, e nos mostrar a diversidade que constitui a sua Amazônia.

Conclusão

Ao olharmos para Milton Hatoum como um romancista manauara, nos surpreendemos de cara com a sua forma de nos fazer ver este espaço antes muitas vezes literariamente apresentado como “fora” do Brasil, ou “berço” da nação, com sua floresta tropical e sua influência indígena na vida cotidiana. Sua Manaus, como apontamos no estudo, é uma cidade provinciana, depauperada, e com problemas que diversas outras cidades deste porte experimentam, tanto no Brasil, quanto em diferentes lugares do mundo.

O exótico da natureza e do índio não faz parte deste mundo. Há, sim, o espaço da cidade de Manaus, a presença indireta da floresta tropical e de sua diversidade, mas como aspectos integrados às vidas daqueles que agora estão no meio urbano, por vezes em situação bem mais desfavorável do que a que viviam anteriormente. Porém, longe da valorização do espaço como pitoresco e exótico, a ser vendido como “diferente” e edênico.

O mesmo ocorre com os índios(as), ou seus descendentes. Domingas, a mãe de Nael, narrador de *Dois Irmãos*, é um dos exemplos acabados de como estas personagens nos são apresentadas. Não há clichês valorizando aspectos culturais de forma romântica, ou uma olhada à sua vida anterior como o espaço paradisíaco em confronto com a vida no meio urbano. As lembranças que existem são memórias familiares, por vezes amargas, e que não justificam um sentimento de perda e vontade de retorno. As vidas destes índios são precárias, em Manaus ou de onde vieram. E esta precariedade não nos é apresentada de forma piegas ou piedosa. É assim.

A influência da cultura árabe é outro aspecto que diferencia Hatoum de seus conterrâneos. Por ele ficamos sabendo de um Norte que fala, come e vive em árabe, e que ao mesmo tempo conseguiu se “aculturar” sem dor. Misturam tabule com frutas amazônicas, assim como as suas origens e línguas, fazendo nascer um “país” multiforme e rico por suas diferenças. A tolerância existente no referente à religião nas duas famílias protagonistas dos dois romances aponta para a mesma tolerância existente em seu cotidiano.

De todo modo, tanto pela visada “natural” quanto pela cultural, descobrimos, com a leitura destas duas obras, uma cidade e duas famílias que abrem nossos olhos para algo novo que nos vêm do Norte. Algo que alterou o significado do exótico tradicional, quando se pensa na natureza do norte do Brasil, e que nos fez ver que os dramas familiares perpassam culturas, gerações e países. E que, quando bem narrados, sempre constroem boas histórias.

Referências Bibliográficas:

- 1] BIRMAN, Daniela. Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum. Rio de Janeiro, Tese, Doutorado. UFRJ, 2007. Orientador: João Camillo Penna.
- 2] CURY, Maria Zilda Ferreira, De Orientes e relatos. In: _____. SANTOS, Luiz Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta, org.. Trocas culturais na América Latina. Belo Horizonte: UFMG. p.171.
- 3] GAUTHEROT, Marcel. Norte / Marcel Gautherot; organização e apresentação de Milton Hatoum e Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009.
- 4] HATOUM, Milton. “Sobre *Relato de um Certo Oriente*”, Conferência proferida na PUC-SP, 288/9/1995, e publicada em *Literatura & Memória, São Paulo, PUC-SP, 1996, PP. 9,10,11. Apud.* TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. p.27.
- 5] HATOUM, Milton. Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- 6] HATOUM, Milton. Relato de um certo oriente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 7] HATOUM, Milton. Entrevista a Aínda Hanania. [http:// WWW.hottopos.com/collat6/milton1.htm](http://WWW.hottopos.com/collat6/milton1.htm). acesada em 26/6/2006 WWW.hottopos.com/collat6/milton1.htm. acesada em 26/6/2006.
- 8] NUNES, Benedito. Crônica de duas cidades: Belém-Manaus / Benedito Nunes, Milton Hatoum. Belém: SECULT, 2006.
- 9] TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. Milton Hatoum: itinerário para um certo Relato. São Paulo: Ateliê editorial, 2006.

i Autora:

Noemi Henriqueta Brandão de PERDIGÃO, Prof. Ms
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)
noemi@utfpr.edu.br